



Volume 8, nº 1
janeiro a março de 1994

ORQUIDÁRIO
Envio imediato nº R 29
msmg

OrquidaRIO - Orquidófilos Associados do Rio de Janeiro, S.C.

DIRETORIA - BIÊNIO 1992/94:

Presidente: Raimundo A. E. Mesquita.
Vice-Presidente: Yvan Lassance de Oliveira.
Diretor da Área Técnica: Alexis Sauer.
Diretor da Área de Relações Comunitárias: Hans O. J. Frank.
Diretor da Área Administrativo-Financeira: Benedito Fabiano O. Aguiar.

Presidentes Anteriores:

1. Edward G. Kilpatrick, 1986/1987;
2. Álvaro Pessôa, 1987/1990;
3. Raimundo A. E. Mesquita, 1990/1992.

Conselho Deliberativo, 1992/94:

Presidente: Waldemar Scheliga
Membros: Felisodoro Bastos Nunes, Álvaro Pessôa, Carlos Eduardo de Brito Pereira e Roberto Agnes.

Revista Orquidário

Comissão Editorial: Alexis Sauer, Álvaro Pessôa, Carlos A. A. de Gouveia, Carlos Eduardo de Brito Pereira, Raimundo A. E. Mesquita e Roberto Agnes.

A Revista circula, trimestralmente, com publicação nos meses de março, junho, setembro e dezembro e é distribuída gratuitamente aos Associados da OrquidaRIO.

Deseja-se permuta com publicações afins.

Artigos e contribuições devem ser dirigidos à Comissão Editorial e devem vir datilografados, em uma só face do papel, em espaço duplo, em papel A-4, ou compostos em computador, usando um dos seguintes processadores de texto: Page Maker, Ami Pro, Word, Carta Certa, ou outro compatível com Windows, ou, ainda, Windows Write e DOS-Editor. Podem os autores remeter o disquete em que composto o texto, mas sempre acompanhado de uma cópia impressa. Aceitos serão publicados em um dos números de Orquidário. Os rejeitados serão devolvidos ao autor, desde que tenha fornecido o endereço e remetido os selos para remessa postal.

Fotografias devem conter indicação do motivo da foto e a identificação do fotógrafo. Quando em preto e branco ou cromos, devem vir acompanhadas de negativos. Para fotos a cores Orquidário dá preferência a "slides", podendo os autores remeter o fotolito já preparado para publicação. Para remessa dos fotolitos combinar, antes, com a Comissão Editorial (contatar R. Mesquita - Tel. +55-21-2332314), para ajuste de especificações e tamanho.

Propaganda e matéria paga, com indicação do mês de publicação, deverão ser remetidas com 2 meses de antecedência, reservando-se a Revista o direito de rejeitar, sem explicação dos motivos.

O título da revista é de propriedade da OrquidaRIO, tendo sido feito o depósito legal na Biblioteca Nacional, estando, também, registrado no INPI.

Qualquer matéria ou fotografia publicadas, desde que não esteja sujeita a reserva de direito autoral (©) pode ser reproduzida para fins não comerciais, desde que se cite a origem e identifique os autores.

Tarifas:

Filiação e Contribuição anual

Preços em URV	1 ano	2 anos	3 anos
Contribuição de Sócios	19,5	37	55
Sócios novos - filiação	21	38,5	56
Overseas subscriptions rates:	1 year	2 years	3 years
By AIR MAIL, add US\$8.00 per year.	US\$25.00	US\$48.00	US\$68.00

Toda correspondência deve ser dirigida à OrquidaRIO, aos cuidados da Secretaria Geral, rua Visconde de Inhaúma 134/933, 20.091-000, Centro, Rio de Janeiro, RJ. Por telefone (+55212332314), com Helena Eyer, ou Fax (+55212535447).

Composto e diagramado na Guilda do Raio F. Fotolitos: Densicolor, Rio. Impresso na Companhia Brasileira de Artes Gráficas, Rio. Tudo no mês de março de 1994, ano da OrchiRIO 94.

Janeiro a Março de 1994

Índice**Textos**

LIMA, Luiz Hamilton - <i>Phalaenopsis</i> , a elegante Orquídea-borboleta.	2
MESQUITA, Raimundo - A espécie nova: sp. nov.	5
JENNY, Rudolf - <i>Stanhopea lietzei</i> , uma revisão.	9
CHAMPLIN, Stephen - Julgamento da AOS - Parte II.	10

Seções

Pelas Livrarias.	4
Minha planta preferida - <i>Maxillaria</i> , por Oscar V. Sachs Jr.	13
As dúvidas dos sócios.	15
Sementeira dos sócios.	17
Os Dons da Natureza - <i>Encyclia dichroma</i> alba 'Josilda'	18

Várias

Colecionadores de broches de orquídeas.	4
Dicas de semeadura.	14
Serviços disponíveis para os sócios.	16
Errata - <i>Phragmipedium vittatum</i> .	17

Publicidade

19/24

Creditos de fotografias e desenhos:

Rolf Altenburg, Capa, 10 e 12; Luiz Hamilton R. Lima, pags. 2 e 3; Marcos A. Campacci, 6 e 7; Waldemar Scheliga, 8; Steve Champlin, 11; Roberto Agnes, 13 e 14; Ajurimar Sales, 18; Última Capa, não identificado.

Nossas capas - Este número da nossa revista chega aos nossos leitores em pleno mês de março, época da grande floração da *Cattleya labiata* Ldl. Assim, não poderíamos deixar de ornar a nossa Capa com uma delas, que se destaca entre os grandes espécimes que a pródiga natureza do Brasil tem produzido: a variedade 'Emília'. Este exemplar pertenceu a Rolf Altenburg e foi por ele fotografado, o que ganha um gosto, adicional, de reminiscência e homenagem a um orquidófilo impar. A flor selecionada mereceu de Stephen Champlin, autor da série sobre o sistema de julgamento da AOS, o seguinte comentário: "Um exemplo excepcional do aperfeiçoamento de uma espécie tanto na cor, quanto na forma, com relação à forma ancestral."

Existem, sem dúvida, maneiras menos árduas de cultivar a orquídea... O pintor Ronaldo Pangella, que é também aficionado de montanhismo e alpinismo, prefere vê-las e reproduzi-las "in situ", e, assim, escala as escarpas do Pão de Açúcar para testemunhar a mais uma das demonstrações da adaptabilidade da orquídea aos locais mais inusitados. É o que mostramos na 4a. Capa, anunciando um próximo texto sobre o trabalho desse artista, que, em paralelo e com a assistência e orientação do botânico-orquidófilo Francisco

Phalaenopsis

A elegante Orquídea Borboleta.

Luiz Hamilton Lima*

O nome *Phalaenopsis* vem do grego *Phalaina* + *opsis*, significando "semelhante a mariposa". Os botânicos taxonomistas europeus do século passado denominaram esse gênero, do sudeste asiático, composto de, aproximadamente, 50 espécies, epífitas na sua grande maioria, pela semelhança que viram entre as flores e as mariposas. Tivessem eles tido o privilégio de, como nós, viver nos trópicos americanos, o nome dessas orquídeas, tão elegantes, talvez viesse a aludir a uma revoada de **borboletas**, brancas ou em tons pastéis.

Deixando de lado a taxonomia botânica, para discutirmos os aspectos práticos desse magnífico gênero de orquídeas que, principalmente nas três últimas décadas, tornou-se o mais popular entre os orquidófilos e entre os amantes de flores exóticas, de todo mundo. Basta verificar que o número de híbridos de *Phalaenopsis* e de *Doritis* (*Doritaenopsis*), registrados junto à Royal Horticultural Society, em décadas recentes, supera, em larga escala, o de todos os outros gêneros de orquídea. Para exemplificar, verificamos que, somente, nos meses de abril, maio e junho de 1993, de um total de 439 novos híbi-

dos registrados, 201 foram nos gêneros *Phalaenopsis* e *Doritis* (*The Orchid Review*, set./out., 1993). Isto significa que 46%, quase metade, dos novos híbridos registrados foram de *Phalaenopsis* ou de *Doritis*. Agruparemos, aqui, tanto os *Doritaenopsis*, como os híbridos de *Phalaenopsis* sob o nome '**phalaenopsis**', como é costume universal.

A enorme e crescente popularidade dos '**phalaenopsis**' em todo o mundo deve-se, principalmente às seguintes características:

- **Adaptação especial às condições de cultivo como planta de interior.**

Entre todos os gêneros, cultivados, de orquídeas, os '**phalaenopsis**' são os que melhor se adaptam às condições de temperatura e lumi-

nosidade do interior de casa ou apartamento urbanos, tornando-se complementos ideais da decoração doméstica moderna. Mais precisamente, essas plantas preferem tais condições de temperatura, entre 18 e 30°C, e de luminosidade (luz solar indireta), podendo perfeitamente serem cultivadas ao lado das violetas africanas. Quantos outros tipos de planta



Uma "cascata" de *Phalaenopsis* enfeitou o jardim de inverno da residência do autor durante meses, todos os anos.
Foto e cultivo, do autor



você, caro leitor, conhece que cresça e floresça, fielmente, dentro de casa, ano após ano?

- **Profusão e durabilidade inigualáveis de floração.**

Dentre todas as plantas ornamentais, os '**phalaenopsis**' são, talvez, os que tem maior durabilidade das flores, principalmente sob abrigo. A durabilidade, média, das flores dessas orquídeas, varia de dois a cinco meses normalmente. Considerando a característica típica dos '**phalaenopsis**' de desenvolverem hastes florais secundárias a partir das hastes antigas, deixadas intatas, na planta, após a floração, aliada à tendência natural dessas plantas de produzirem hastes florais múltiplas, de duas até cinco por planta, poderá fazer com que venhamos a ter vasos individuais com centenas de flores simultâneas!

- **Facilidade de cultivo.**

Idealmente os *Phalaenopsis* necessitam de 70% de sombreamento, de temperatura ambiente entre 18° e 30°C, de umidade relativa do ar entre 50% e 70% e de substrato de cultivo bastante aerado e mantido sempre levemente úmido. Uma circulação constante de ar fresco é essencial ao cultivo de todas as plantas epífitas de orquídea e, principalmente, de '**phalaenopsis**'. Apesar de serem os '**phalaenopsis**' mais resistentes às pragas e doenças do que outros gêneros comumente cultivados, estão sujeitos à podridão, bacteriana, da região do encaixe central das folhas novas na planta (coroa) devido à estagnação de água nessa região. Essa condição, geralmente, fatal às plantas, pode, facilmente, ser evitada, tomando-se o cuidado de molhar as plantas sempre pela manhã, ou, ainda, inclinando-as, após a rega, para que a água acumulada na "coroa" das folhas possa escoar facilmente, mantendo-a seca durante a parte mais quente do dia e durante a noite. Deve aplicar-se, com frequência, um bom adubo para orquídeas, sempre em dosagem bastante diluída (aconselho reduzir à metade, ou, mesmo, a 1/4 da recomendada pelo fabricante).

- **Crescimento rápido e vigoroso.**

Nenhum dos gêneros de orquídea normal-

mente cultivados, comercialmente, cresce tão rápido e floresce tão precocemente como '**phalaenopsis**'. Em condições ideais de temperatura, pequenos "seedlings", em vasos de três polegadas (7,6 cm) de diâmetro, com aproximadamente dois anos de vida, estarão, normalmente, aptos a florir dentro de mais um ano de cultivo.

- **Disponibilidade de híbridos modernos, nas mais variadas cores.**

Os clássicos '**phalaenopsis**' brancos, os elegantes semi-albos, os mais singelos e variados tons de rosa e aqueles que apresentam venações púrpura nas pétalas e sépalas, atingem, hoje, formas florais arredondadas e quase perfeitas. O desenvolvimento de novas linhas de hibridação tem criado os mais surpreendentes e promissores arco-iris de cores: amarelos, laranja, tons vibrantes de vermelho e os alegres pintalgados sobre as mais variadas cores de fundo. A tendência moderna de miniaturização de orquídeas tem, também com '**phalaenopsis**', alcançado sucessos significativos; plantas compactas, em vasos de 4 polegadas (10 cm) de diâmetro, estão disponíveis, hoje, e podem produzir duas ou mais hastes flo-



Grande variedade de cores e boas formas são resultado de hibridações contínuas.

rais, com brotações laterais, carregando centenas de flores vistosas e duradouras.

Neste primeiro artigo, de uma série sobre 'phalaenopsis', espero ter esclarecido aos nossos caros colegas orquidófilos as principais características dos gêneros *Phalaenopsis*, *Doritis* e seus híbridos, *Doritaenopsis*, que, na nossa opinião, justificam a sua enorme e crescente popularidade em todo o mundo. Também procuramos passar um pouco da nossa experiência de cultivo, em condições brasileiras particulares, com essas maravilhosas orquídeas que retribuem nossos cuidados com floração parecida, como me agrada dizer, "a uma elegante revoada de borboletas coloridas". Nos próximos artigos discutiremos as principais espécies ancestrais dos modernos híbridos de *Phalaenopsis*, os avanços conseguidos, até agora e os promissores horizontes do futuro.

*Rua Vitério Peneluppi, 280
12242-150 - São José dos Campos, S.P.

Aos colecionadores de broches de orquídeas.

Recebemos carta de Sidney, Austrália, do senhor B. Collins, nos dando notícia da existência naquele país de um clube de colecionadores de broches. Também nos escreveu, da Nova Zelândia, o senhor A. J. Drench, falando do seu interesse de adquirir ou permutar broches de orquídeas, de que tem uma grande coleção, com cerca de 1000 peças (dentre as quais, conta-nos, o broche da Orquidário).

Os interessados podem escrever aos seguintes endereços:

"The Orchid Badge Club International".	A.J. Drench
245, Avocat Street	428 Botanical Rd.
Randwick N.S.W. 2031	Palmerstone North
Austrália.	Nova Zelândia

Pelas Livrarias

É sempre um prazer ver um livro bonito, como o que acaba de nos brindar a Editora Salamandra, trazendo para o Brasil, num grande esforço editorial, o livro de Jack Kramer, sobre orquídeas. Para avaliar da importância desse texto basta saber-se que a edição

em inglês, foi feita sob os auspícios da seríssima World Wildlife Foundation.

Mas a editora não ficou só na importância e qualidade do texto e nos deu um álbum que se eleva à categoria dos livros de arte, de excelente acabamento (tão bom, ou, até mesmo, um pouquinho superior, do ponto de vista gráfico, à edição norteamericana) e com mais de 200 fotos a cor, além de vários desenhos e gravuras, a começar pela Capa, que exhibe um híbrido tipicamente brasileiro, a *Cattleya Landate* (Cat-

Orquídeas

Autor: Jack Kramer. Editor, Geraldo Jordão Pereira. Tradução Helena T. Soares, Maria C. Coelho e F. Rebelo.

Salamandra Consultoria Editorial, S.A.

Rio de Janeiro, 1994.

276 pags. Fotos a cor.

Preço de lançamento US \$48.00.

tleya aelandiae x *Cattleya guttata*).

Afora o bonito aparato gráfico, o livro, pelo seu lado didático, é de muito interesse para os cultivadores de orquídeas, sobretudo para os que estão se iniciando nesta forma superior de lazer e de culto pela beleza dessa apaixonante planta. Fala um pouco de tudo: da história da orquídea; dos aspectos botânicos (sem ser maçante para os leigos); dos diversos usos da orquídea, que, como todos verão, não se restringem só a cultivo; e de como cultivá-la. Ao lado do magnífico portfolio de cerca de 200 plantas retratadas por fotografos de primeira linha, dos mais conhecidos de todo mundo, contém, ainda, o livro uma série de apêndices muito úteis para o orquidófilo, tais como, textos resumidos sobre gêneros, plantas de fácil cultivo, fornecedores de plantas e livros, sociedades orquidófilas (com complementação da editora brasileira de alguns locais, mas ainda muito incompleta e sem a necessária divisão entre sociedades orquidófilas e comerciais, o que pode gerar confusão e que se espera venha a ser corrigido em edições posteriores).

Como se vê o ano orquidófilo de 1994 começou bem, no terreno bibliográfico, e vai prosseguir, com lançamentos de grande importância, alguns dos quais serão durante a OrchRIO 94, nossa festa internacional, como são os casos do livro que a Equilab está preparando com as fotos de Adhemar Manarini sobre orquídeas, de dois livros de Lou Menezes que estão sendo impressos na Alemanha, um deles sobre *Cattleya warneri*. Teremos, ainda, a reedição, revista e aperfeiçoada do Manual II, Pequeno Glossário do Vocabulário Orquidófilo e, quem sabe, a tão esperada monografia de Francisco Miranda sobre o gênero *Laelia*. Vai ser de encher os olhos...



A Espécie Nova

Raimundo Mesquita*

C Coisa curiosa. Cada vez que se publica em Orquidário a descrição de uma espécie, tida por nova pelos autores, chovem cartas, telefonemas, todos os meios de comunicação... E sempre, invariavelmente, para contestar a descoberta, a validade da descrição, nunca para confirmação.

Quando nos oferecem o reparo, mais das vezes agressivo, de que a nossa principal publicação deveria zelar pelo seu nome e pela sua respeitabilidade, só publicando descrições para que tenhamos a necessária confirmação, bem poderíamos colocar-nos na posição tranquila de responder, como está na notícia do Expediente da Revista, como, de resto, nas Leis, de Imprensa e de Direitos Autorais, que a responsabilidade, por textos assinados, é exclusiva dos autores.

Poderíamos, ainda, dizer que Orquidário é um foro aberto a todos que tenham alguma contribuição a dar para o desenvolvimento da orquidofilia brasileira, aumentando o conhecimento da nossa flora, inclusive pela incorporação de novas espécies.

Parece-nos, contudo, que o mais importante a dizer, é que nos recusamos a comportar-nos como censores e catões, postura que, raramente, e como todos sabem, levou a algum lugar na história do homem. Estivesse certo o Santo Ofício da Inquisição e jamais Galileu Galilei teria provado e demonstrado que a Terra é redonda e gira em torno do Sol. Desde que

os autores mereçam o respeito de que se tornaram credores e os seus trabalhos nos cheguem com o mínimo das qualidades que se pode exigir de um texto para publicação, encontrarão guarida aqui.

A história da ciência botânica não diverge, no seu desenvolvimento, de qualquer outro ramo da ciência, é a história dos erros e acertos, do debate, da polêmica construtiva, tudo que faz o conhecimento avançar. Lembrem, por exemplo, da *Cattleya eldorado*, que, como bem recordou Waldemar Scheliga (Orquidário, Vol.3, nº3, pags.5/6), já foi *Cattleya tricolor-pilochila* Bar. Rodr., *C. mc-morlandii*, *C. virginialis*, *C. quadricolor*, etc., etc. A história da Taxonomia vegetal está cheia de exemplos dessas mudanças que não retiram o mérito de quem descreveu uma espécie, pelo fato de, depois, ser esta incluída num outro gênero, ou tratada como outra espécie. Situação exemplar é a do gênero *Oncidium* que foi descrito por Olaf Swartz, em 1800, a partir do *Oncidium variegatum*, que, hoje, nem mais é considerado *Oncidium*, já que foi incluído num novo gênero, *Tolumnia*.

É preciso considerar, por outro ângulo, que o trabalho dos taxonomistas brasileiros é quase artesanal e, por pouco, não seria amadorístico, em razão de, pelo menos ao que parece, não dispor de meios, nem estar integrado na pesquisa acadêmica, que incorpora ao conhecimento técnico os mais recentes avanços da ciência.

A Botânica parece ser, no Brasil,

considerada ciência "menor" e, onde e quando merece maior apreço é quando se volta para a pesquisa dirigida aos vegetais "úteis", assim entendidos aqueles de significado econômico para o país, ou para melhoria do padrão de alimentos.

Nas descrições feitas não se vê, pelo menos aparentemente, a incorporação de outros dados de confirmação possibilitados por outras disciplinas afins, Anatomia, Citologia, Genética e Engenharia genética, Biologia, que têm permitido um grau maior de certeza na superação das dificuldades inerentes à descrição, quando baseada, unicamente, em caracteres morfológicos:

"Tais dificuldades foram, recentemente, superadas com o uso de marcadores genéticos, tais como padrões dos anéis de cromossomos, variantes eletroforéticas das alozimas, extensão do polimorfismo de fragmentos do DNA ou RN, pela restrição de enzimas, sequenciamento de DNA, etc." (W. Rossi, Paola Arduino, Rosella Cianchi e Luciano Bullini, in "A new natural Hybrid in the genus *Orchis* L: Genetic Data and Description" - *Lindleyana* 7(3): 121/6, 1992).

"Com o advento e evolução de técnicas moleculares para a análise da filogenia da orquídea, muitos acreditam que o valor de outras abordagens para os estudos sistemáticos, tais como a morfologia floral, citologia e anatomia vegetal teriam sido relegadas a um plano de importância secundária." (Comunicação de Alec M. Pridgeon, sob o título " Systematic anatomy of Orchidaceae: resource or anachronism?", proferida na 14th World Orchid Conference, Glasgow, abril/maio de 1993).

Neste quadro temos que incluir, ainda, um outro aspeto, que é uma particularidade da orquidofilia: a permanente tentação do "cientificismo". Para identificar este pequeno pecado de todos nós, orquidófilos, basta lembrar que nenhum de nós conhece uma orquídea pelo nome popular que, eventualmente, tenha. Nenhum de nós, por exemplo, trata um *Cyrtopodium* como Sumaré, mas temos que dar o nome botânico, gênero e, mais ainda, temos que ir à espécie, ao **epíteto específico**... Depois de tudo, a longa convivência com essas maravilhosas plantas, aliada à necessidade de conhecê-las mais acuradamente para melhor cultivá-las, acaba nos levando a investir nos livros e revistas de botânica, taxonomia, ecologia, genética, etc., etc... Pronto, o orquidófilo muda de estado, passa a **orquidólogo**, a gastar "ciência" e sai em busca do Santo Graal, que, na orquidofilia, é a glória de associar o seu nome a um gênero ou espécie novos.

Depois de tantos anos de convívio, achamos que sabemos tudo sobre esta **família** e não podemos, com humildade, admitir que não tenhamos conhecimento



Oncidium chapadense P. Castro & Campacci.
Contestado

suficiente (extensivo, pelo menos) para não reconhecer uma planta e quando nós deparamos com alguma que nunca vimos, vem a tentação: *sp. nov.*

Paradoxalmente, por outro lado, somos uns conservadores. Temos muita dificuldade de aceitar que se transfira de gênero aquela *Encyclia fragrans* tão nossa conhecida, passando a trata-la, here-ticamente, de *Anacheilum fragrans*. É tanto maior a nossa dificuldade se essa nova classificação, ou, mesmo, como é o mais



Maxillaria schunckeana Campacci & Kaustky.
Contestada

comum, a descrição de uma nova espécie não foi feita por nós, e, ainda pior, se foi feita por um nosso desafeto, que cometeu o mais terrível dos pecados, topou com um espécime desconhecido e, concluindo que ele ainda não estava identificado, descreveu-o, imortalizando, assim, o seu nome, para constar nos anais científicos, nos herbários, ao lado do nome dado a mais um daqueles dons especiais da natureza...

É de ver que a contestação, mais das vezes, não é movida por rigor científico, ou, mesmo, no interesse da ciência, mas por sentimentos menores e, isto, não se pode, em sã consciência, aceitar. A contestação, a polêmica, são posturas corretas, desde que

bem intencionadas e fundamentadas. A ciência, o conhecimento, a cultura, a inteligência avançam no debate, na polêmica, na negação, na contestação, desde que feitos com seriedade e contraposição de argumentos, provas e contraprovas. Para nós, não basta alguém nos escrever ou telefonar (sempre pedindo reserva e confiança...), usando o argumento, "ad terrorem", de que precisamos zelar pela respeitabilidade de Orquidário, para que uma espécie nova, descrita, deixe de ser nova. Não basta, como se fossem senhores da verdade, afirmar, mas parece-nos minimamente indispensável desenvolver um raciocínio lógico-científico e autorizar que publicemos a sua contestação, permitindo que todos, inclusive o autor, conheçam a objeção e os seus fundamentos, ficando, nós, informados e o taxonomista tendo a oportunidade de rever ou rediscutir o assunto, reafirmando ou não a sua posição.

Isto é que é seriedade, isto é que respeitabilidade e Orquidário orgulha-se desta postura. Suas páginas estão abertas a todos para afirmar, ou para negar e rebater. Para sentimentos menores, não! De que adianta, para o progresso científico que alguém me telefone ou escreva, apenas para dizer-me que é um erro, ou fraude a descrição, que publicamos, de uma planta que o autor considerou ainda não classificada e descrita e que aquela planta é tal ou qual? De nada, rigorosamente de nada...

* Rua Dona Mariana, 73/902
22280-020 - Botafogo,
Rio de Janeiro, RJ.

Stanhopea lietzei (Regel) Schlechter.

Rudolf Jenny*

(trad. Waldemar Scheliga)



Stanhopea lietzei

Foto e cultivo: Waldemar Scheliga

Stanhopea lietzei (Regel) Schlechter

Arquivos de Botânica do Estado de São Paulo 1: 264, 1926.

Basiônimo: *Stanhopea graveolens* var. *lietzei* Regel

Gartenflora 40: 201, 1891

Sinônimos: *Stanhopea graveolens* var. *straminea* Porsch

Denkschriften d. kais. Akademie d. Wissenschaften, Math.-Nat. Klasse 79: 1. Halband 129, 1908

Stanhopea graveolens var. *concolor* Porsch

? *Stanhopea graveolens* var. *inodora* hort. ex Regel
Index Seminum Horti Petropolitani 1856: 21.

DURANTE MUITOS ANOS A *STANHOPEA LIETZEI* FOI objeto de divergências, sendo confundida, muitas vezes, com outras espécies. E. Regel, fundador e editor da revista *Gartenflora*, recebeu, em 1890, de um certo senhor Lietze, do Brasil, plantas vivas de

Stanhopea. Assim como outros autores, também Regel supôs tratar-se de uma variedade de *Stanhopea graveolens* Lindley. Esta fora descrita por Lindley, no *Botanical Register*, em 1840, fixando o Peru como país de origem. Mais tarde esse mesmo autor fez referência a planta idêntica, proveniente do Brasil, que produzia, aproximadamente, o mesmo odor. Muitos autores, baseados nessa afirmação, descreveram várias espécies do Brasil como sendo *Stanhopea graveolens* ou variedades da mesma. No entanto, o *typus* da verdadeira *Stanhopea graveolens*, de Lindley, depositado no herbário de Kew, apresenta flores de uma espécie que só é encontrada ao norte de Honduras, na América Central, e que nada tem a ver com a pretensa *Stanhopea graveolens* brasileira. Regel⁽¹⁾ denominou, inicialmente, essa espécie brasileira como *Stanhopea graveolens* var. *lietzei*, em homenagem ao seu descobridor e publicou a descrição, juntamente com um desenho de boa qualidade, na *Gartenflora*, em 1891. Em 1919, Schlechter⁽²⁾, ao enumerar as espécies da flora orquídea do Paraná, no Brasil, usou, pela primeira vez, o nome *Stanhopea lietzei*, sem fazer referência a *Stanhopea graveolens* var. *lietzei*, nem, mesmo, tatando-a como basônimo. De acordo com as normas de nomenclatura, tal denominação não é válida. Só em 1926 essa denominação adquiriu validade botânica pela publicação, por Schlechter, nos *Arquivos de Botânica do Estado de São Paulo*, do nome e referência ao basônimo *Stanhopea graveolens* var. *lietzei*.

Existem, pelo menos, dois sinônimos incontestáveis da *Stanhopea lietzei*: *Stanhopea graveolens* var. *straminea* e *Stanhopea graveolens* var. *concolor*, descritas por O. Porsch⁽³⁾, em 1908. Ambas contam com desenhos de boa qualidade, do mesmo autor, que mostram tratar-se de *Stanhopea lietzei*. No caso, as duas pretensas variedades apresentam, na verdade, tão só variações do colorido e, dada a extensa dispersão da maioria das espécies de *Stanhopea*, dificilmente poderão ser consideradas variedades autônomas.



Stanhopea graveolens var. *inodora* foi referida por Regel no **Catálogo de Sementes** do Jardim Botânico de São Petersburgo, Rússia. Dessa planta não existe qualquer descrição, nem um **typus** e, por isso, é impossível saber o que Regel viu. É duvidosa, portanto, a possibilidade de tratar-se de um outro sinônimo de *Stanhopea lietzei*. O mesmo acontece com a *Stanhopea graveolens* var. *aurata* Lindley.

As variedades *Stanhopea graveolens* var. *aurata* e *Stanhopea graveolens* var. *venusta*, descritas por Lindley e que, segundo o mesmo autor, seriam provenientes do México e Guatemala, respectivamente, nada tem a ver com a *Stanhopea lietzei*.

Stanhopea lietzei (a grafia correta é *lietzei* e não *lietzi*, como alguns autores erradamente escrevem, pois o nome do descobridor da planta era **Lietze**) ao que parece não se vê muito em cultivo. Por vezes se vê plantas, mas com nomes errados.

Disseminação

A espécie é endêmica do Brasil e, conforme referências de Cogniaux e Hoehne, ocorre nos estados de Minas Gerais, Santa Catarina, Espírito Santo, São Paulo e Paraná, em altitudes de 100 a 800 metros.

Polinizador

O agente polinizador dessa espécie é desconhecido. A polinização por beija-flores, como afirmava Ruschi ⁽⁷⁾, com suporte em fotos, não foi comprovada até agora.

Etimologia

O epíteto *lietzei* homenageia o descobridor da espécie, Lietze.

Notas e Referências Bibliográficas

1. COGNIAUX, A.: *Martius Flora Brasiliensis* 3: prt. V. 532, 1902.
2. DODSON, C. H.: *Selbyana* 1: 48, 1975
3. DODSON, C. H. & FRYMIRE, G.P.: *Annals of the Missouri Botanical Garden* 48: 170, 1961
4. HEMSLEY, W. B.: *Biologia Centrali-Americana* 3: 257, 1886
5. HOEHNE, F.C.: *Flora Brasiliica* 12: parte 6. 157. T. 113, 1942

6. KLINGE, J.: *Acta Horti Petropolitani* 17: 143, 1899
7. LÉMAIRE, C.: *Flore des Sèrres* 2: T. 1, 1846
8. LINDEN, L.: *Journal des Orchidées* 2: 71, 1891
9. LINDLEY, J.: *Folia Orchidacea*, 1852: *Stanhopea* 4
10. PABST, G. F. J. & DUNGS, F.: *Orchidaceae Brasilienses* 2: 178, 219, 1977
11. PLANCHON, J.E.: *Hortus Donatenses* 1858: 104, 1858: 215
12. PORSCHE, O.: *Denkschriften der kaiserlichen Akademie der Wissenschaften, Math.-Nat. Klasse* 79: 1. Halbband. 129, t. 14, 1908
13. REGEL, E.: *Gartenflora* 40: 201, 1891
14. REGEL, E.: *Index Seminum Horti Petropolitani*, 1856: 21
15. REICHENBACH, H. G. fil.: *Walpers Annales Botanices Systematicae* 6: 589, 1861
16. REICHENBACH, H. G. fil.: *Xenia Orchidacea* 2: 122, 1874
17. RUSCHI, A.: *Orquidáceas do Estado do Espírito Santo*, 1986: 103
18. SCHLETER, R.: *Feddes Repertorium* 16: 248, 1919
19. SCHLETER, R.: *Arquivos de Botânica do Estado de São Paulo* 1: 264, 1926.

*-Moosweg 9

CH - 3112 Allmendingen - Suíça

Nota do Tradutor

Publicamos do mesmo autor, no Volume 7, nº 1, janeiro/março, a revisão completa da espécie *Stanhopea graveolens* Lindley, da América Central, mais precisamente de Honduras, Guatemala, El Salvador e México.

Reproduzimos, agora, texto revendo a *Stanhopea lietzei* (Regel) Schlechter, endêmica no Brasil, pondo, assim, um ponto final nas controvérsias e confusões sobre a classificação dessas duas espécies.

Translator Notes

On the issue of *Orquidário*, #1, January/March of 1993, we have published a complete revision by Rudolf Jenny of the species *Stanhopea graveolens* Lindley, occurring in Central America (Honduras, Guatemala, El Salvador and Mexico). Now, we reproduce a revision of *Stanhopea lietzei* (Regel) Schlechter, endemic in Brazil, to bring to an end the controversy and confusion created over the classification and nomenclature of these two species.

Waldemar Scheliga



Julgamento da American Orchid Society.

Parte II - Premiando Plantas

Stephen Champlin - Juiz da AOS*

N

O ARTIGO ANTERIOR, VIMOS O PROCESSO DE treinamento a que deve submeter-se quem queira tornar-se um juiz da AOS. No presente, veremos como os juizes julgam plantas e o que buscam numa flor premiável.

Para que possam ser julgadas, as flores precisam, primeiro, ser inscritas. A "inscrição" pode ser feita de duas maneiras: uma, usando o formulário padrão da AOS, de inscrição para julgamento; outra, durante exposições podem os juizes selecionar as flores que tenham qualidade suficiente, para julgá-las. A "seleção" é a fase inicial, durante a qual um, ou mais juizes solicitam que um planta seja trazida para o local de julgamento, para uma análise mais demorada por um determinado grupo de juizes. A "seleção" é feita durante o "passeio" dos juizes por todo o recinto da exposição. Nesse "passeio" os juizes discutem oralmente sobre as flores exibidas, escolhendo, assim, quais as que reúnem condições para receberem pontuação de julgamento. "Pontuação de julgamento" é o sistema que se usa para premiar flores e inflorescências, segundo uma tabela de pontos pré-estabelecida.

O coordenador do julgamento designa o grupo de julgamento, que deve ser composto de, pelo menos, três juizes plenos e não mais do que um terço daquele número pode ser de juizes probacionários. Cada juiz atribui pontos, independentemente, à planta que está sendo julgada e o coordenador do grupo estabelece a média das notas atribuídas. A disparidade entre notas não



Foto: Rolf Altenburg. Cultivo: Florelia

Lc. Rolf Altenburg 'Gloriosa'

Um bom exemplo do que é considerado forma e cor excelentes. Observem a forma redonda e as boas proporções.

pode exceder de 6 pontos. Caso isso aconteça, o coordenador deverá entregar a flor à avaliação de um outro grupo. Se a planta é premiada, é, então, entregue ao clerk para registro do prêmio e para ser levada ao fotógrafo oficial! O exibidor da planta deve pagar uma taxa de Us\$25.00 que cobre as despesas com fotografias e formulários de registro.

O Sistema de Julgamento da American Orchid Society é baseado em "tipos de geração". Isso significa que o juiz deve conhecer os pais da planta, se se trata de híbrido, ou deve conhecer as melhores formas da planta, quando se trate de

espécie ou híbrido primário. Por igual o juiz deve estar ao par dos diversos critérios aplicáveis aos vários gêneros ou gêneros dos híbridos.

Para usar o tipo de geração como critério, o juiz deve ter um desenho na sua memória orientando-o quanto a qual seria o padrão perfeito de flor que seriam capazes de gerar as que entraram no cruzamento. Novas linhas de geração, incluindo novas cores, devem ser consideradas, sem que isto signifique que, só por isto, devam ser premiadas mas só, sim, quando a nova linhagem apresente características superiores, com evidentes qualidades. Por exemplo, se um dos pais tem cor incommumente bela e o outro, forma excepcional, os juizes devem esperar que a progênie tenha, ao menos, boas forma e cor. Se a flor apresenta apenas uma ou outra das duas características, não deverá ser premiada.

Cada gênero tem suas próprias características e, dadas limitações do espaço de que disponho, não há como avaliar todos os gêneros, mas apenas fazer algumas generalizações quanto ao que o juiz deve observar na flor. Em *Cattleya*, *Cymbidium*, *Miltonia*, *Odontoglossum*, *Phalaenopsis* e *Vanda* e seus gêneros aliados, a forma geral das flores deve apresentar como

caraterísticas o serem redondas, cheias e planas.

Por causa de sua diversidade, gêneros como *Dendrobium* e *Paphiopedilum* oferecem maior dificuldade no estabelecimento de generalizações quanto a sua forma. Isso de um modo geral, porque os do tipo **nobile** e **phalaenopsis**, no caso de *Dendrobium*, e alguns *Paphiopedilum* do grupo-padrão podem ser incluídos no critério acima. Em outras espécies e híbridos desses gêneros, o critério básico é o do aperfeiçoamento obtido com relação às espécies ancestrais. A cor é mais fácil de visualizar em todos os gêneros, devendo ser brilhante e forte, sem quebras ou empalidescimento. Marcas, quando presentes, devem ser agradáveis e simétricas. O número de flores depende, geralmente, do tipo de cruzamento e deve estar, pelo menos, na média do número que produzem os dois pais.

O juiz deve usar a escala de pontos para assinalar as qualidades da flor. Mostrarei, a seguir, quatro diferentes escalas de pontos, para evidenciar as diferenças na avaliação de cada gênero.



Cultivo não identificado. Foto: Steve Champion

Cymbidium Vía Nogales 'Kayaaaja' AM/AOS 86 pts.

Esta planta tinha 57 flores em três haste quando premiada e tinha uma envergadura de 13cm.

Escala Geral de Pontuação

Forma da flor	30
Cor da flor	30
Outras caraterísticas:	40
tamanho	} 10
textura e substância	
hábito e arranjo	
floração	
Total	100

Pontuação de *Cattleya*

Forma da flor	30
Côr	30
Outras caraterísticas	40
tamanho	} 10
textura/substância	
floração e haste	
Total	100

Escala de <i>Paphiopedilum</i>	
Forma da flôr	40
Côr	40
Outras caraterísticas	20
Tamanho	10
Substância/Textura	5
Haste	5
Total	100

Escala de <i>Phalaenopsis</i>	
Forma da flôr	30
Côr	30
Outras caraterísticas	40
Tamanho	10
Substância/Textura	10
Hábito e arranjo	10
Abundância	10
Total	100

Pode observar-se que a de *Phalaenopsis* e a Escala Geral de Pontuação são absolutamente idênticas, enquanto que a da *Cattleya* embora, grandemente, a mesma, diferencia-se pelo fato de atribuir-se maior peso às textura e substância, e quase nenhuma importância ao arranjo das flores. A escala para *Paphiopedilum* dá mais peso a cor e forma e só 20% a outras caraterísticas. O juiz precisa usar a sua experiência, porque nem tudo, dentro de um gênero, cabe na respectiva escala de pontuação. Por exemplo, *Paphiopedilums* multifloras, tais com *Paph. rotschildianum* e seus híbridos impõem o uso da Escala Geral de Pontuação para dar maior peso ao hábito floral e ao arranjo da flores, bem como à abundância de floração.

A inflorescência deve alcançar um mínimo de 75 pontos para merecer uma premiação. De 75 a 79 pontos o prêmio chama-se Highly Commended Certificate (HCC). De 80 a 89 pontos, passa a chamar-se Award of Merit (AM), e, de 90 até 100 pontos, First Class Certificate (FCC). Destaco que os FCC são, muito raramente, atribuídos. De um modo geral

os concedidos, por ano, na totalidade do Sistema, não passam de dez.

Espero ter podido, assim, transmitir uma visão abrangente, ainda que breve, de como funciona o sistema de julgamento da American Orchid Society, e de como os juízes dispendem esforço e tempo para habilitarem-se, tanto quanto, depois, julgando em exposições. Teremos condição, assim, durante a próxima OrchidRIO 94 (de 15 a 18 de setembro vindouro), de apreciar o esforço dos participantes, mas, também o dos juízes.



l'anda Princess Blue (Jennie Hashimoto x coerulea)

Forma excelente, como, também, a cor. Observe que a marcação é bem definida e não borrada

Foto: Rolf Altenburg. Cultivo: Floralia

(*) CP 100.541
24.000-000 - Niterói, RJ.



Minha planta preferida

Maxillaria

Oscar V. Sachs Jr. *

QUANDO ALGUÉM ME PERGUNTA QUAL A minha orquídea predileta, lembro uma passagem contada por Érico Veríssimo, num dos seus livros de viagem. Num jantar diplomático, um cidadão, sentado a seu lado, se pôs a falar: "Detesto Bach! Não aguento aquele cachorro-vai - cachorro-vem! Aquilo é enjoativo! Mas, amigo, qual é o teu compositor preferido?" Érico respondeu: "João Sebastião Bach". Após um breve silêncio, retomou o chato: "Por supuesto, uno de los mayores genios de la humanidad!"

Assim, também, reagem, quando respondo àquela pergunta: "É a *Maxillaria*". "Ah, sim, um gênero muito interessante", dizem - e mudam de assunto.

Antes que me considerem um idiossincrático, ou coisa pior, devo, de início, me pôr ao lado de noventa e nove por cento dos orquidófilos brasileiros, declarando que sou (e não escondo) purpureteiro, labiateiro e cattleiro de um modo geral. Como muitos companheiros de orquidofilia, cheguei a ela "fisgado" pela *Laelia purpurata*, minha primeira planta, presente - florida - de meu tio Afonso Schmidt, de Araras. Isso, há quase vinte anos, atrás.

Entusiasmado, resolvi ir às fontes. Com meu filho Fábio, muitos fins de semana íamos à Serra do Mar, no caminho velho de Ubatuba, e, de lá, voltávamos com mudas de *Epidendrum*, *Pabstia*, *Miltonia*, *Rodriguezia*, *Zygopetalum* (os nomes eu sei hoje) e, na primeira vez, algumas touceiras de planta de boa vegetação, com botões prometendo flores para poucos dias.

Assim, a primeira planta a florir em meu precário orquidário (era um velho e enferrujado bagageiro de automóvel, preso em quatro pedaços de caibro, embaixo de um jasmim-manga) foi uma perfumada *Maxillaria picta*. Essa planta, anos depois, foi elogiada por Waldyr Endsfeldz na reunião em que fundamos nossa sociedade orquidófila - e eu me lembro disso como me lembro do primeiro prêmio numa Exposição de Orquídeas.

Mas... *picta* ou *ubatubana*? *ochroleuca* ou *ro-*

driguezii? *vitelliniflora* ou... As dúvidas eram muitas e comuns aos meus companheiros. Numa reunião da Sociedade, propus que cada um de nós procurasse estudar um gênero, um só, para que a gente tivesse, não propriamente especialistas, mas alguém com um pouco mais de conhecimentos, que partilhasse com os outros (sempre fui assim, meio otimista). A idéia até teve alguns adeptos, mas com o tempo... Eu, porém, persistente, fiquei com a minha *Maxillaria*.

Para sanar minhas dúvidas, fui atrás dos meus "alemães", um mineiro (e de Juiz de Fora, uai!), outro gaúcho: Frederico Carlos Hoehne e sua "Flora Brasílica", Guido Pabst e sua "Orchidaceae Brasilienses". Dois extraordinários autodidatas, sem maior formação acadêmica, que nunca precisaram ser chamados de



Maxillaria parkeri

Roberto Agnes

"doutores".

Mas, quando você abre um livro sobre orquídeas e se propõe identificar uma flor, aí então, amigo, as coisas começam a complicar para o seu lado. Comigo aconteceu de sair atrás de maxilárias, como no meu tempo de menino a gente ia atrás de figurinhas, marcas de cigarro, selos e quantas coisas mais o *Homo collector non sapiens*, desde cedo, gosta, obsessivamente, de juntar.

Ai, aquelas situações que muitos orquidófilos já viveram: encontrar numa Exposição uma planta que ainda não tenho e ficar "campeando" o dono (que, às



vezes, só chega na hora afobada de retirar as plantas) para propor por troca de um "cortinho" por um corte de alguma planta que eu tenha levado. Muitas vezes ganhei a muda num gesto generoso.

Ou, então, em excursões às matas, meus amigos procurando a *Cattleya bicolor atrocerúlea*, só vista em desenho no livro americano, e eu garimpando moitinhas de maxilárias.

Esta busca me fez conseguir, por paciência esgotada do Luiz, passar pelas tabuletas de "Área proibida" da Florália (me sentindo um transgressor) e descobrir grandes e maravilhosas touceiras de *Maxillaria vernicosa* e *Maxillaria cerifera* nos recantos proibidos.

Também passar uma tarde andando livremente (e com que satisfação) pelas estufas do Binot, na mesma Petrópolis, o que recomendo como remédio eficiente contra qualquer estresse. A mesma coisa na Quinta do Lago e na Aranda, em Teresópolis. O Pires, do Bela Vista, de Assis, o meu dileto amigo Reinaldo, em Santa Isabel, o indestrutível Érico de Freitas Machado, do encantado sítio Florabela, também com eles consegui espécies e variedades de *Maxillaria*.

Com meu amigo Jaci Barbosa, de Ponta Grossa, não tive sucesso (por enquanto). Palavras dele: "Não vou te dar um rabicho desta planta. Vai lá na minha terra que te arrumo uma bacia delas" - e faz o gesto descrevendo o tamanho da touceira. Qualquer dia eu vou.

Há sempre surpresas no estudo deste gênero. Encontra-se, por exemplo, uma planta (ou diversas plantas) com folhas muito diferentes entre si e apresentando a mesma flor. Hoehne, apropriadamente, chamou-a de *M. heterophylla*, com, pelo menos, 6 variedades, indo das folhas curtas e largas às aciculadas, com variações proporcionais nos pedúnculos. Incluiu, aí, a *M. cogniauxiana*, que ele descrevera em 1933. Mas Pabst, implacável, nos informa que as regras da nomenclatura obrigam o uso do nome *cogniauxiana*, validamente publicado, não podendo ser substituído ou alterado, ainda que pelo próprio autor! E *heterophylla* ficou sendo apenas uma sinonímia.

Para encerrar, lembraria que o livro de Hoehne é de 1953, o de Pabst é de 1975. Talvez estivesse na hora de um dos nossos orquidólogos fazer uma revisão do gênero. Seria uma tarefa de muito fôlego. Eu, como orquidófilo e aficionado deste intrigante gênero, agradeceria.

Bibliografia

- GONZALEZ Raposo, Pe. José - "O Gênero *Maxillaria* e Suas Espécies Mais Importantes" - Boletim do Círculo Rioclarense de Orquidófilos, N^o 91 a 95 - 1977.
HOEHNE, Frederico Carlos - *Flora Brasílica* - Vol. XII - Secretaria da Agricultura - São Paulo - 1953.
PABST, Guido F. & DUNGS, F. - *Orchidaceae Brasilienses* - Bruck Verlag, Kurt Schmiersow - Alemanha - 1975 (Tomo I) e 1977 (Tomo II).

* CP 119

12010-970 - Taubaté, SP.

Dicas de semeadura.

Semear com sementes extraídas de cápsulas imaturas é um procedimento muito bom porque ganha-se tempo e, também, porque não há necessidade de esterilizar as sementes, eliminando, assim, o risco de perda de fertilidade, por vezes, consequente do processo de esterilização. É necessário, contudo, ter um lugar asséptico, onde se possa trabalhar sem grandes riscos.

É preciso, porém, esterilizar a cápsula antes de abri-la. Deixe-a de molho, por meia hora, em água sanitária pura. Retire e lave com água limpa e, depois, mergulhe, rapidamente, em álcool e flambe. Está pronta a cápsula para ser aberta.

Roberto Aguiar



A seção que se inicia aqui nada mais é do que a antiga "Perguntas e Respostas" com um nome novo, mais adequado à sua finalidade, mas com o mesmo propósito de atender, na medida do possível e das nossas limitações, às consultas que nos cheguem.

As dúvidas dos Sócios.

Manchas nas folhas, botões abortando.

"Minhas orquídeas vem apresentando manchas, pretas ou amarelas, e, quando estão em botão, estes apodrecem e morrem.

Gostaria de aprender como trata-las e peço sua ajuda. Vou mandar junto exemplares de folhas com sintomas dos problemas apresentados."

Ilse Samaritana de Resende.
Lagoa Dourada - MG.

Pelo que vimos no material foliar que nos remeteu, o seu problema vem ou de luz do sol, incidindo diretamente sobre as plantas ou de excesso de claridade. Uma das folhas, se você lembra bem do material que enviou, apresentava uma mancha escura, com afundamento, e as nervuras aparecendo, o que é característico de queimadura de sol, provavelmente agravada por água de rega que tenha ficado acumulada naquele local da folha.

Outra evidência do excesso de luz, é o amarellecimento de uma das folhas remetidas. Não tem a aparência das folhas antigas, que, como você sabe, vão amarelando, lentamente, secam e caem. A enviada tem todas as características de folha ainda nova, amarelando por excesso de luz, ou por carência de nitrogênio ou, mesmo, as duas coisas.

Aconselhamos reduzir a luminosidade do local de cultivo (que você não informou como é, nem as condições meteorológicas da sua cidade, mas que deve ser bem quente nesta época. A ventilação é outro fator sumamente importante para uma boa cultura) e, nas adubações habituais, adote, por algum tempo, fertilizante com maior teor de Nitrogênio.

Pelo estado geral das folhas que nos enviou, observamos que elas indicam que suas plantas estão fortes e saudáveis: as folhas estão túrgidas e sem qualquer sinal de desidratação ou, mesmo, de doença ou ataque de pragas. O seu problema parece ser, tão só, de luz em demasia e excesso de umidade, no caso dos botões de flores, que abortam. Provavelmente, por causa do calor, você está regando demais as suas plantas, sem cuidar de evitar que os botões fiquem molhados, o que propicia o ataque de fungos e bactérias. Evite molhar os botões, sendo boa prática separar as plantas que estão para florir, dando-lhe regas especiais, ou seja, só no substrato e mantendo-as em lugar bem arejado e protegido.

Seguindo estes conselhos e lendo mais sobre o assunto no Manual de Iniciação à Orquidofilia (ed. Orquidário, Manual I), o seu problema deve resolver-se. Dê notícias.

Editoria

Dúvidas terminológicas.

"Durante a leitura do material que tem me chegado surgiram muitas dúvidas relativos a termos empregados. Por exemplo: "... substância pesada", "albina". O que é substância? E quando uma flor é albina?"

Antonio Preza
Salvador, Bahia.

A expressão substância se refere, por assim dizer, à densidade dos segmentos de uma flor de orquídea, à sua massa, aquilo que se sente com o tato. Já a textura, expressão também muito usada nas avaliações de flores, é a aparência, o que os nossos olhos captam, de como as cores se apresentam (por exemplo cor brilhante, textura brilhante; cor opaca, textura opaca, etc.). Em suma a substância é percebida pelo tato, enquanto que a textura é vista pelos olhos.

Albinismo, nas flores, tem o mesmo sentido que em biologia, ausência ou quase ausência de cor, por falta dos pigmentos que tingem uma epiderme.

Editoria

Orquideas com nome e árvore genealógica.

Porque vocês insistem tanto sobre a importância de só colecionar plantas que tenham nome e registro? Confesso que eu gosto da flor pela sua beleza, não pelo seu "pedigree", pois, a final de contas, orquídea não é cachorro, digo, sem qualquer menosprezo pelo "melhor amigo".

Júlio Lima Santos
Jundiaí, SP.

Eu poderia, caro Lima, lhe dar uma extensa resposta, mas a sua pergunta já foi melhor respondida, num pequeno texto que escreveu Don Herman, no AOS Bulletin, de abril de 1991 (vol. 60, no. 4, pag. 344/5), que lhe recomendo ler, se tiver meios de consegui-lo. O conciso texto, bem humoradamente, se intitula "Se os cavalos podem, porque não o poderiam as orquídeas?" Veja que coisa curiosa, na sua comparação você usa o cachorro, já Don Herman usou o cavalo. Tanto um quanto outro animal, servem muito bem para entendermos o porque da importância da genealogia: tanto nos cachorros, quanto nos cavalos, para saber quais as características genéticas que, desejando obter, pode esperar-se num indivíduo, sobretudo se ele é produto de cruzamentos interraciais (um "híbrido"). Na orquídea não é diferente. Não se cruza uma orquídea com outra pelo prazer de cruzar e porque a orquídea é uma planta muito fácil de hibridar, cruza-se buscando um aperfeiçoamento, um resultado que nos dê uma flor mais bela. Ora, se você não tem o nome correto e registrado da planta, que lhe permite conhecer a árvore genealógica, como é que você pode

saber que resultado pode acontecer, ou, mesmo se a flor representa uma melhoria.

No seu artigo, Don Herman invoca uma intervenção de Milton Warne (um grande criador de flores, veja, por exemplo, na minha mensagem de Natal, do ano passado, Orquidário, Vol. 7, no. 4, pag. 120, a linda C. Milton Warne 'Dream Girl'), dizendo ser a orquídea a única variedade de planta que dispõe de registros de sua ancestralidade, permitindo ir de um híbrido muito complexo até as espécies que lhe deram início, para mostrar a importância do registro que, desde 1895, constituiu Frederick 'Fritz' Sander com a tão conhecida Sander's List. Em seguida, o autor, que venho citando, divide as pessoas que "usam" orquídeas, em dois tipos, o orquidófilo e o consumidor descartável. O primeiro, coleciona, guarda, estuda a planta; já o segundo, quer apenas fruí-la, enquanto em flor e, depois, descarta, inclusive porque, mais das vezes, não sabe, nem quer cultivá-la. Conclui Don Herman seu artigo, lembrando uma história de turfe ouvida na sua juventude, que, aliás lhe deu o título do seu crônica. Um cavalo desconhecido, que, quando entrou na raia, era referido como "um outro cavalo": "na frente vêm Royal Toddy, seguido de perto por Fleetfoot e Silverado, atrás de todos, vem um outro cavalo..." De repente, o desconhecido começou a avançar e tomou a dianteira, o que o narrador do páreo assim descreveu: "E vence Malicioso!".

A pequena fábula, meu caro Júlio, encerra uma lição: os vitoriosos tem uma individualidade, tem nome.

Você tem nome e registro civil...

Cordialmente,
Raimundo Mesquita

Serviços da Orquidário disponíveis para os sócios.

A Orquidário tem diversos serviços que podem ajudar os sócios. Alguns já tem sido usados, outros não, talvez por falta de divulgação.

Um desses, muito útil, é o RHS-System, que é um extenso programa de computador, CD/Rom, que, entre outras coisas, permite saber, por exemplo se um cruzamento já está registrado e qual o seu nome. Também se uma planta já foi premiada pelas AOS, RHS ou JOGA.

Os sócios, que tenham interesse nessas informações, podem escrever para o Departamento de Difusão Cultural.

Complemento, bem interessante e elucidativo, do texto que enviou sobre sua preferência por *Maxillaria*, é o trecho que publicamos, a seguir, de carta, que, sobre o assunto, nos enviou Oscar V. Sachs Jr.:

"Deixo a teu inteiro alvitre aproveitar ou não a matéria. Acho que a esta altura da minha vida, não consigo mais escrever coisa muito séria. Ainda mais que, nunca tendo feito nenhum estudo de botânica (exceto, talvez, para passar de ano na velha escola pública), não consigo fazer esta passagem extraordinária que V. e outros fazem tranquilamente - das ciências humanas para as exatas. Sou um orquidófilo, não consigo orquidologar.

Você, crítico arguto, observará que, às vezes, escrevo *Maxillaria*, sublinhando, para o digitador passar para o *italico*, como manda a boa regra da nomenclatura botânica, outras vezes escrevo *maxilária*, sem os dois *elles* e com acento - é proposital, defendo que quando o assunto está sendo tratado coloquialmente, não havendo necessidade do rigor científico, o certo é *aportuguesar*. Pegaria mal alguém dizer: "Vou levar uma dúzia de *Rosa floribunda* para minha namorada.". O mesmo faria, se fosse o caso, com *catléias* e *lélías*. Principalmente no plural, evitando o barbarismo de pluralizar com *s* (*esses*) em *latim*."

Os erros e acertos de Orquidário.

Recebemos carta do nosso querido amigo e sócio antigo, Padre Cicero Marcelino de Melo, que, de lá de sua Imperatriz, no Maranhão, manda nos dizer do seu encantamento com a chegada, antecipada, de Orquidário, referente ao 3º trimestre de 1993: "Receber a revista Orquidário é receber um colírio para os olhos e um palpitar para o coração. Confesso que as vezes, fico como uma criança inquieta e, se pudesse, atropelaria os dias para que tudo pudesse ser antecipado." A seguir tece o nosso

bom pároco alguns comentários sobre alguns erros de grafia que passaram pelo crivo de nossa revisão.

Mas logo ameniza suas críticas dizendo: "Caríssimo amigo, espero ser entendido quanto ao que fica dito acima. Nós somos humanos e para mim, aqui está também a nossa grandeza: somos divinos porque fomos criados por Deus no seu imenso amor."

Só podemos receber com atenção e respeito palavras tão amistosas, mesmo quando é um tanto dura a crítica e, por vezes, não acertada. Fique, porém, a permanente promessa, que parece que todos vêm, de continuarmos, todos, redobrando esforços para uma revista cada vez melhor e, na medida do possível, sem erros (em que pese, caríssimo Padre, a existência que se conhece, desde a invenção de Gutenberg, de uns diabinhos, jocosos, que se encastelam nas tipografias e se comprazem em enfiar erros, empastelar blocos de texto, borrar fotolitos, etc., etc....)

Para que tudo isto possa acontecer é necessário que os nossos leitores nos digam de suas impressões, que melhorias gostariam de ver introduzidas, critiquem e, sobretudo, colaborem, mandando textos para publicação. Tudo isso é muito importante para que nossa vivência pessoal com a orquídea não morra conosco. Experiência que se transmite é memória coletiva que se forma e, isto, forma Tradição.

Porque, Padre Cicero, não nos manda um texto sobre as ocorrências de sua região? Lembre do compromisso de Orquidário de ir levantando um mapa censitário sobre esse tesouro da nossa natureza, para ir sendo veiculado dentro de uma seção que criamos, Orquídeas do Brasil, e que, até agora, não passou de um primeiro e único artigo. Faça como o nosso Oscar V. Sachs Jr., que, depois de ter, também, apontado falhas e erros em PULCHRA, aceitou o desafio de nos mandar o delicioso texto sobre sua preferência por *Maxillaria*, que está neste número.

Errata

Phragmipedium vittatum - Orquidário, Vol. 7, nº 4.

O autor, Waldemar Scheliga, solicitou a publicação da seguinte Errata ao seu artigo:

"pag. 130, segunda coluna, 14ª linha, onde se lê *Phragmopedilum*, leia-se *Phragmipedium*.

Na mesma coluna, logo abaixo, linhas 15/16, onde se lê *Phragmipedi lum* leia-se *Phragmopedilum*."



Encyclia dichroma albina 'Josilda'

Ajurnar Sales

da descoberta, pela nossa sócia, na Bahia, Josilda Dias Valverde Passos, que, no dia do seu aniversário, encontrou no litoral norte da Bahia, no município de Lauro de Freitas, não muito distante de Salvador, uma rara e, até agora, não vista *Encyclia dichroma albina*, a que, orgulhosamente, deu o nome cultivar de 'Josilda'.

O estado da Bahia, aliás, vem, oferecendo, ultimamente, gratas surpresas à orquidofilia, permitindo ver que, quase esgotadas ocorrências do Espírito Santo e de Minas Gerais, ressurgem naquela região e, por vezes, com espécimes de rara beleza, como são os casos, já registrados, de *Cattleya warneri* e *Oncidium warminghi*, sendo que, este último e apenas para exemplificar, foi redescoberto por Wladislaw Zaslavski e Euclidio Colnago, capixabas eméritos e eméritos andarilhos do território brasileiro, e que apresenta variantes, de forma e cor, bem mais bonitas do que os até aqui conhecidos daquelas outras regiões, como ainda mostraremos em um dos próximos números de Orquidário ou, até mesmo, PULCHRA.

18

De quando em quando a natureza do Brasil ainda nos faz algumas surpresas. Sabemos todos que o avanço da ocupação, extensiva, do espaço, pelo homem, vai reduzindo a possibilidade de encontrarem-se novidades, sobretudo porque as condições de habitabilidade dos ecossistemas vêm se alterando, de maneira dramática e em grande velocidade. É uma lei, avança o homem sobre o território, recuam e fenecem flora e fauna, duas categorias de seres vivos tão interdependentes. Mas, a riqueza, a cornucópia é tão grande, que ainda sobra alguma coisa para nos maravilhar. A cada instante estão sendo descobertas espécies e variedades novas, para enriquecer os registros, desta imensa "coleção" de orquídeas do Brasil.

Por vezes a mãe Natura é, mesmo, sutil e afetuosa, tem requintes de carinho, como é o caso



Conjunto de *Encyclia dichroma*, destacando-se a albina pela cor e tamanho

Ajurnar Sales

Roberto Agnes

